

«As máquinas fotográficas com visor têm um óculo de plástico ou de vidro simples e não possuem sistema de focagem ajustável. O óculo fica situado mesmo acima, ou ao lado, da lente e indica aproximadamente o aspecto final que a fotografia terá (embora alguns problemas de paralaxe — a diferença entre aquilo que o olho vê através do visor e o que está realmente a ser registado pela lente — sejam visíveis no negativo processado ou na fotografia impressa).»

— Henry Horenstein, *Black and White Photography: A Basic Manual*
[Fotografia a Preto e Branco:
Um Manual Básico]

«A luz da memória, ou melhor, a luz que a memória empresta às coisas, é a luz mais ténue de todas...»

— Eugene Ionesco, *Present Past, Past Present*
[Presente Passado, Passado Presente]

1

Esta é a verdade, isto é aquilo que sei: estávamos a passear de mãos dadas na praia, em Ocean Beach. Era uma fria manhã de Verão, Julho, em São Francisco. O nevoeiro pendia branco e denso sobre a areia e sobre o mar: uma neblina tão envolvente, tão cerrada, que eu conseguia ver apenas alguns metros à minha frente.

A Emma andava à procura desses parentes achatados dos ouriços-do-mar chamados corrupios e, no Brasil, bolachas-da-praia. Por vezes, dão à costa às dezenas, intocadas e de um branco ofuscante; naquele dia, porém, a praia estava entulhada de metades e quartos de bolachas-da-praia partidas. A Emma ficou desiludida. Ela é uma criança que prefere as coisas num estado de perfeição: as bolachas-da-praia têm de estar inteiras, os manuais escolares têm de estar imaculados, o cabelo do pai tem de estar impecavelmente aparado, mesmo acima do colarinho.

Estava a pensar no cabelo do pai dela, na suave mecha escura que lhe toca no pescoço, quando a Emma me puxou pela mão.

— Despacha-te — disse ela.

— Qual é a pressa?

— As ondas podem levá-las de volta para o mar.

Apesar da pouca sorte que tivéramos até então, a Emma acreditava que, no areal à nossa frente, encontraria um tesouro constituído por bolachas-da-praia perfeitas.

— Não queres antes ir ao Louis's Diner? — perguntei. — Estou com fome.

— Eu não.

Ela tentou soltar os dedos e afastar-se de mim. Pensei muitas vezes, embora nunca o tivesse dito, que o pai a estragava com mimos. Percebia porquê: era uma criança sem mãe e ele estava a tentar compensá-la.

— Larga-me! — disse ela, contorcendo a mão, surpreendentemente forte, que eu estava a agarrar.

Baixei-me e olhei para o rosto dela. Resolutos, os seus olhos verdes fitaram-me também. Eu sabia que eu é que era a adulta. Eu era maior, mais forte, mais inteligente. Mas também sabia que, numa prova de vontade, ela venceria sempre.

— Não te afastas?

— Não. — Sorriu, sabendo que tinha vencido.

— Encontra-me uma bonita bolacha-da-praia.

— Vou apanhar a maior de todas para ti — disse ela, esticando os braços.

Lá avançou aos saltinhos, aquele pequeno mistério com seis anos de idade, aquela brilhante réplica feminina do pai. Estava a trautear a música que ouvíramos na rádio alguns minutos antes. Ao vê-la, senti uma onda de alegria e medo. Dali a três meses, estaria a casar com o pai dela. Ainda não lhe explicáramos que eu iria mudar-me permanentemente para casa deles; que iria fazer-lhe o pequeno-almoço, levá-la à escola e assistir aos saraus de *ballet*, como a mãe dela costumava fazer. Não, como a mãe deveria ter feito.

«Tens muito jeito com a Emma», gostava o Jake de dizer. «Serás muito melhor mãe do que a minha ex-mulher alguma vez foi.»

E eu pensava sempre: Como é que sabes? O que te faz ter tanta certeza disso? Fiquei a olhar para a Emma com o seu baldinho amarelo, os sapatos de lona azuis, o rabo-de-cavalo preto a serpentear no ar, enquanto se afastava de mim a correr, e pensei: Como é que vou ser capaz? Como é que me posso tornar uma mãe para esta miúda?

Levei a *Holga* até junto do olho, ciente, enquanto o obturador disparava — uma única vez, suavemente, como um brinquedo —, de que a Emma seria reduzida a uma foto a preto e branco 15x15 desfocada. Estava a mover-se demasiado rápido, a luz não era suficiente. Girei a roda de avanço do filme, pressionei o botão do obturador, avancei novamente o filme. Quando toquei no botão do obturador uma última vez, ela já quase tinha desaparecido.

2

E aqui jaz o erro, o momento da minha maior falha. Se todos temos uma decisão que gostaríamos de poder retractar, esta é a minha: o meu olhar foi atraído por uma forma na areia. Primeiro, parecia algo descartado — talvez a camisa de uma criança ou um pequeno cobertor. Instintivamente, levei a máquina fotográfica aos olhos porque é isso que faço: ganho a vida a tirar fotografias, registo aquilo que vejo. Quando me aproximei, a cabeça peluda ficou focada, um lombo arqueado, pintas pretas num pêlo branco. A pequena forma estava coberta de areia, com a cabeça a apontar na minha direcção e as barbatanas a descansarem delicadamente junto ao corpo.

Ajoelhei-me ao lado da foca bebé, estendendo a mão para lhe tocar, mas houve algo que me impediu de o fazer. Os húmidos olhos pretos, abertos, que me fitavam, não pestanejaram. Os bigodes pontiagudos ondulavam junto ao rosto e três grandes pestanas sobre cada olho moviam-se com a brisa. Depois vi o corte profundo ao longo da barriga, quase escondido pela areia, e senti um impulso maternal a vibrar dentro de mim. Quanto tempo passei com a foca bebé — trinta segundos? Um minuto? Mais?

Um caranguejo minúsculo correu pela areia, passando junto aos meus dedos dos pés. Vê-lo fez-me recordar aquelas criaturas minúsculas que formigavam pela praia na cidade de Gulf Shores quando eu era criança. A minha irmã Annabel costumava aprisioná-los em frascos de vidro e olhava maravilhada para as suas barrigas cor-de-rosa, enquanto tentavam escapulir-se, com as patas a ecoa-

rem no vidro. Este caranguejo deu um pontapé num monte de areia e depois desapareceu; no máximo, passaram mais dez segundos.

Olhei para leste, na direcção do parque, onde o nevoeiro terminava abruptamente, esbarrando num azul extraordinário. Tendo sido transplantada para esta cidade, vinda do Sul brilhante e excessivamente quente, começara a adorar o nevoeiro, a sua presença imponente, a forma como abafa o som. O modo como simplesmente pára, em vez de se desvanecer: uma brancura opaca dá subitamente lugar à claridade. Ao passar do nevoeiro para a luz do sol, temos a sensação de termos emergido. Viajar na direcção contrária é como se nos afundássemos num abismo misterioso, de conto de fadas.

Mesmo a seguir à praia, junto à Great Highway, um carro fune-rário encabeçava uma fila de automóveis que se dirigia para sul, em direcção a Pacifica. Lembrei-me do último funeral a que tinha ido, um tipo abastado, com vinte e tal anos, que partiu o pescoço enquanto escalava uma montanha; era amigo de um amigo e não alguém que eu conhecesse bem, mas como tinha falado com ele num jantar duas semanas antes do acidente, pareceu-me bem ir ao funeral. Essa recordação levou mais uns cinco segundos.

Olhei em frente, para onde a Emma deveria estar, mas não a vi. Comecei a andar. Estava tudo saturado de um branco frio e era impossível medir a distância. Agarrei na *Holga* de plástico, pensando nas imagens fenomenais que iria captar, no negro profundo do cabelo da Emma em contraste com a praia branca e fria.

Não conseguia deixar de pensar na foca bebé morta, em como iria explicar à Emma. Acreditava que isso era algo que as mães sabiam instintivamente fazer. Isto seria um teste, o primeiro de muitos; naquele momento, não estava a pensar somente na Emma. Caminhei mais rapidamente, ansiosa por saber se ela tinha visto a foca; era uma coisa boa para ela ver naquele dia, sozinha na praia comigo. Queria que ela se sentisse assustada com a foca para eu poder encarnar delicadamente o papel de madrasta.

Não sei exactamente quando é que percebi que havia algo de errado. Continuei a caminhar e não a vi. Estiquei os braços à minha frente, com perfeita consciência do absurdo do gesto, como se um par de mãos pudesse afastar o nevoeiro.

— Emma! — gritei.

O pânico não me atingiu imediatamente. Não, isso levaria vários segundos, quase um minuto inteiro. Começou por chegar gradualmente, uma sensação de vertigem, como a sensação que tinha em criança quando me enfiava até aos joelhos na água quente do Golfo do México, fechava os olhos perante o sol branco e escaldante do Alabama e deixava que as ondas corroessem a plataforma que tinha sob os pés. Primeiro, desaparecia a areia sob a planta do pé, depois a que estava debaixo dos dedos dos pés, até que, por fim, eu perdia o equilíbrio e caía para a frente, enchendo a boca com água do mar e abrindo e fechando os olhos para encarar um mundo brilhante a rodopiar.

— Emma!

Gritei mais alto, sentindo a areia cambiante e pouco fidedigna debaixo dos pés. Corri para a frente, depois para trás, percorrendo o caminho inverso. Está escondida. Foi o que pensei. Deve estar escondida. Alguns metros à frente da foca bebé morta estava um muro de saneamento de betão coberto de *graffiti*. Corri para o muro. Na minha mente, imaginei-a lá agachada, a rir, com o balde pousado em cima dos joelhos. Esta visão era tão nítida, parecia tão verdadeira, que quase acreditei que era mesmo. Mas quando cheguei junto do muro, ela não estava lá. Encostei-me ao muro, senti as minhas entranhas a entrarem em convulsão e vomitei na areia.

De onde me encontrava, percebi o formato das casas de banho públicas, um pouco mais à frente. Enquanto corria até elas, senti temor. Sabia, já naquele momento, que a busca tinha, de certa forma, mudado de direcção. Atravessei a estrada e entrei na casa de banho das mulheres, que estava escura e vazia. Depois dei a volta ao edifício e entrei na parte dos homens. As janelas eram feitas de vidro fosco e entrava uma luz ténue que embatia no chão de mosaico. Pus as mãos no caixote do lixo à procura das roupas e dos sapatos dela. Pus-me de joelhos e olhei por debaixo dos urinóis, sustentando a respiração por causa do pivete. Nada.

Quando voltei a atravessar a estrada na direcção da praia, estava a tremer. Sentia os dedos dormentes, a garganta seca. Subi para o topo de uma duna e andei às voltas, vendo apenas o nevoeiro branco

e impenetrável, ouvindo apenas o leve burburinho dos carros que passavam na Great Highway. Por um momento, fiquei parada.

— Pensa — disse em voz alta. — Não entres em pânico.

Mais à frente, mais nevoeiro, cerca de dois quilómetros de praia, depois a colina que leva ao restaurante Cliff House, à atracção turística Camera Obscura, às ruínas das antigas piscinas que compunham os Sutro Baths, à cafetaria Louis's Diner. À direita, havia um longo passeio, a estrada e, mais ao longe, o Golden Gate Park. Atrás de mim, quilómetros de praia. À minha esquerda, o Oceano Pacífico, cinzento e cheio de espuma. Eu estava no meio de um labirinto rodeado de nevoeiro, com paredes invisíveis e possibilidades infinitas. Pensei: Uma criança desaparece numa praia. Para onde vai essa criança?

Regressarei àquele momento vezes e vezes sem conta. Guardarei comigo um bloco de notas onde registo os pormenores. Haverá desenhos mal feitos, gráficos de tempo e movimento, página após página nas quais tento recuperar o passado. Fingirei que a memória é de confiança, que não se desvanece tão rapidamente e tão completamente como as linhas quebradiças de um quadro mágico. Direi a mim própria que, enterrado algures no intrincado labirinto da minha mente, há um pormenor, uma pista, uma coisinha minúscula perdida que me conduzirá à Emma.

Mais tarde, quererão saber o momento exacto em que dei por falta dela. Quererão saber se vi alguém estranho na praia, se ouvi alguma coisa nos momentos que antecederam ou se sucederam ao desaparecimento dela. Eles — a polícia, os repórteres, o pai dela — far-me-ão as mesmas perguntas vezes e vezes sem conta, olhando-me fixamente nos olhos, com desespero, como se, através da repetição, pudessem fazer-me lembrar; como se, através da força de vontade, conseguissem conjurar pistas onde não havia nenhuma.

É isto que lhes digo, é isto que sei: estava a passear na praia com a Emma. Estava frio e havia muito nevoeiro. Ela largou-me a mão. Parei para fotografar uma foca bebé, depois olhei para cima, na direcção da Great Highway. Quando voltei a olhar para a praia, ela desaparecera.

A única pessoa a quem contarei a história completa será à minha irmã, a Annabel. Só a minha irmã saberá que desperdicei dez segundos num caranguejo, cinco num cortejo fúnebre. Só a minha

irmã saberá que eu queria que a Emma visse a foca morta, que estava a preparar um esquema para que ela gostasse de mim. Para os outros, escolherei as minhas palavras com cuidado, separando os pormenores importantes das trivialidades enganosas. Para eles, apresentarei esta versão da verdade: há uma menina, o nome dela é Emma, ela está a passear na praia. Desvio o olhar, passam-se uns segundos. Quando volto a olhar, ela desapareceu.

Este único momento abre-se como uma flor numa sequência de fotografias tiradas a intervalos, como um labirinto confuso. Estou no meio do labirinto; incapaz de ver quais os caminhos que conduzem a becos sem saída e qual o que leva à criança desaparecida. Sei que tenho de confiar na memória para me guiar. Sei que tenho uma oportunidade de acertar.

A primeira história que conto, a primeira pista que revelo, irá determinar a direcção da busca. O pormenor errado, a pista errada, irá inevitavelmente gerar confusão, enquanto a pista certa conduz a uma linda criança. Devo contar à polícia que havia um carteiro no parque de estacionamento, uma moto, um homem num *Chevelle* cor-de-laranja, uma carrinha amarela? Ou será a foca que interessa, o carro funerário, o muro de sustentação, a onda? Como é que se consegue distinguir o que é irrelevante do que é supérfluo? Um deslize na narrativa, um erro na escolha dos pormenores, e tudo se desintegra.